

EMPREENDEDORISMO: APROXIMAÇÕES À ENFERMAGEM

Data de aceite: 21/01/2023

Thayza Mirela Oliveira Amaral

Universidade Federal do Pará (UFPA),
Belém, PA, Brasil

Jouhanna do Carmo Menegaz

Universidade do Estado de Santa
Catarina (UDESC), Chapecó, SC, Brasil
e Universidade Federal do Pará (UFPA),
Belém, PA, Brasil

José Luís Guedes dos Santos

Universidade Federal de Santa Catarina
(UFSC), Florianópolis, SC, Brasil

fomento e difusão do empreendedorismo no exercício da profissão.

Dessa forma, os objetivos deste capítulo são:

- Descrever aspectos históricos e proporcionar aproximações conceituais acerca do empreendedorismo;
- Apresentar o empreendedorismo aplicado à Enfermagem;
- Discorrer sobre a educação empreendedora e contextualizá-la na Enfermagem.

Para alcançar estes objetivos, desenvolvem-se a seguir os seguintes tópicos: Aspectos históricos e conceitos; Fomento ao empreendedorismo no Brasil; e, Educação empreendedora e contextualizações à Enfermagem.

INTRODUÇÃO

O termo “empreendedorismo” pode ser definido como uma capacidade desenvolvida para realizar ações, nos âmbitos gerencial e assistencial, para criar e aperfeiçoar projetos, serviços e negócios¹. Observando o crescimento deste fenômeno, é relevante que a Enfermagem tome conhecimento sobre o empreendedorismo e suas formas. Destaca-se a importância de que, com base neste conhecimento, gestores possam ampliar estratégias de

ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITOS

Ao longo da história, temos modificado nossa compreensão sobre empreendedorismo e também nosso

entendimento sobre o empreendedor.

Consagradamente, seria possível considerar como o primeiro empreendedor o mercador Marco Polo, que, em meados do século XIII, atravessou diversos países junto ao seu pai e tio, estabelecendo transações comerciais e firmando parcerias econômicas. Isto ocorreu graças a um homem proprietário de bens, que, a fim de vender os seus produtos, assinou um contrato com Marco Polo para que ele os vendesse. Nos dias atuais, com o capitalismo e os sujeitos nesse processo, é possível compreender que, na época de Marco Polo, o capitalista era o indivíduo que empreendia de maneira passiva, enquanto o empreendedor de fato possuía papel ativo, se expondo aos riscos físicos, financeiros e emocionais².

Em meados dos anos 1930, o economista e cientista político Joseph Schumpeter afirmava que os empreendedores entram em um processo de “destruição criativa”. Esse processo consiste em romper com velhos hábitos a fim de gerar novas respostas às demandas do mercado. Ou seja, o empreendedor cria situações objetivando mudanças benéficas³.

Em 1961, David McClelland definiu o empreendedor como um indivíduo que exerce controle sobre os meios de distribuição e produz mais do que pode consumir, com o intuito de vender ou trocar o produtor, para obter uma renda individual⁴.

Nos anos 1990, Peter Drucker afirmou que o empreendedor é alguém que investe dinheiro com uma nova capacidade de produzir riqueza. Um indivíduo que cria e desenvolve um negócio⁵. Drucker afirmava que o empreendedor de sucesso deveria possuir foco e disciplina, e estas características poderiam ser aprendidas³.

O empreendedorismo ganhou diversos conceitos e perspectivas e, por isso, é considerado um fenômeno. Vários pesquisadores e estudiosos tentaram definir o empreendedorismo a partir de suas experiências e contextos. Em 1934, por exemplo, Schumpeter definiu o empreendedor como alguém que proporciona algo novo para sociedade e que deveria ser remunerado com o lucro de seu empreendimento. Em 1973, McClelland⁴ afirmou que o empreendedor é alguém dinâmico, que corre riscos e deseja conquistar algo. Já, no século XXI, em 2010, Bruyat e Julien⁶ definiram o empreendedorismo como fenômeno complexo que envolve questões políticas, econômicas, familiares e sociais.

O empreendedorismo é complexo, e ficar preso apenas a algumas definições não proporciona a compreensão desse fenômeno. Além disso, outros fatores como o contexto político e econômico, as relações familiares, as redes de contato e outros interferem diretamente nas ações do empreendedor⁶.

FOMENTO AO EMPREENDEDORISMO NO BRASIL

O empreendedorismo começou a ser fomentado de maneira intensa no Brasil a partir dos anos 70, com o intuito de multiplicar novas oportunidades de trabalho e movimentar a economia do país⁷. A partir dessa década, houve um aumento nos empréstimos e investimentos estrangeiros, o deslocamento da população da área rural para a área urbana, o crescimento das empresas e, conseqüentemente, dos empregos e a inserção das mulheres no mercado de trabalho⁸.

Com o início da globalização, muitas empresas brasileiras foram forçadas a criar alternativas para aumentar a produtividade, diminuir os custos e se manter no mercado de trabalho. E, com o fechamento de muitas empresas, o governo e as entidades buscaram meios para popularizar o empreendedorismo e manter o desenvolvimento econômico⁹.

Uma das primeiras entidades criadas para o fomento do empreendedorismo no Brasil foi o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). Criada em 1972, é uma entidade privada de serviço social sem fins lucrativos, que possui o objetivo de capacitar e promover o desenvolvimento econômico de micro e pequenas empresas. Inicialmente, a instituição possuía vínculo com o governo federal, porém, em 1990, desvinculou-se da administração pública¹⁰.

Em 1999, foi criado pelo governo federal o Programa Brasil Empreendedor, que consiste em uma entidade formada por escolas técnicas, profissionalizantes e de idiomas, com a finalidade de oferecer capacitação profissional de maneira mais acessível para quem busca ingressar no mercado de trabalho¹¹.

Essas iniciativas contribuíram fortemente para o crescimento e popularização do empreendedorismo. Entre os anos de 1990 e 1999, houve um total de 4,9 milhões de empresas no Brasil, sendo 2,7 milhões microempresas¹².

O Global Entrepreneurship Monitor, mais conhecido como GEM, reúne vários grupos nacionais e instituições acadêmicas que desenvolvem pesquisas focadas no empreendedorismo. Desde o ano 2000, o Brasil participa do projeto GEM e esteve presente em todas as pesquisas realizadas¹³.

O relatório realizado pela Gêmeos, em 2019, mostrou a trajetória de crescimento do empreendedorismo no Brasil, através das taxas de empreendedorismo baseadas nos dados da população brasileira entre 18 e 64 anos. A taxa de empreendedorismo total (TTE) em 2011 foi de 26,9%, e em 2015 atingiu o percentual de 39,3%, ou seja, um ganho de 12,4% em quatro anos. A TTE no ano de 2019 atingiu 38,7%, em número absolutos isto demonstra uma estimativa de que 53,5 milhões de brasileiros desenvolveram alguma atividade empreendedora. O empreendedor brasileiro, segundo o Gêmeos, é, em sua maioria, do sexo masculino, adulto e não possui curso superior. Quando analisados os

negócios estabelecidos, este perfil se intensifica¹³.

EMPREENDEDORISMO NA ENFERMAGEM

As problemáticas que envolvem a saúde e bem-estar das populações, além do fato de que a assistência em saúde pode proporcionar desenvolvimento econômico e social para o país, são dois fatores que fortalecem a necessidade de novas oportunidades e inovação¹⁴. E a inovação não apenas requer a abertura de novos mercados, mas também exige a implementação de novas formas de servir aqueles já estabelecidos e maduros¹⁵.

O desenvolvimento de projetos inovadores na área da saúde possui elevado valor para o setor, tanto por apresentar diversas vantagens, quanto por possibilitar melhorias na qualidade de vida das populações. O empreendedorismo permite projetos inovadores de níveis diferentes de progresso tecnológico, que passam pela biotecnologia, indústria farmacêutica, indústria de equipamentos médicos, material de consumo médico-hospitalar, procedimentos clínicos, inovações de gestão, administrativas e estruturais, entre outras¹⁶.

Na Enfermagem, identificaram-se três tipologias do empreendedorismo que mais se destacam: empreendedorismo social; empreendedorismo empresarial e intraempreendedorismo¹⁷. A Figura 2 exhibe os principais pesquisadores do tema na enfermagem e os conceitos propostos:

Empreendedorismo Social¹⁸

O enfermeiro busca propostas práticas de resolução dos problemas sociais, e cria estratégias de inserção social, projetos sociais inovadores e ações autossustentáveis.

Empreendedorismo Empresarial¹⁹

O enfermeiro pode ser proprietário de uma empresa, oferecendo serviços de enfermagem de prática clínica de forma direta, de educação, de pesquisa, de cunho administrativo ou ainda de consultoria.

Intraempreendedorismo²⁰

No âmbito organizacional, o enfermeiro deve buscar exercer em sua prática a liderança e a melhor qualidade nos ambientes laborais.

Figura 2: Vertentes do empreendedorismo que mais se destacam na Enfermagem

Fonte: Elaborado por Thayza Amaral, 2021.

O empreendedorismo social envolve uma compreensão sistêmica da realidade social e, com isso, cria propostas resolutivas para problemas sociais e inovação através de projetos sociais²¹. Ou seja, nesta vertente, os empreendedores lançam-se em projetos com o intuito de solucionar um problema social²².

O empreendedor social busca o desenvolvimento sustentável, qualidade de vida e mudanças nos contextos de atuação a fim de beneficiar as comunidades mais carentes e negligenciadas²³.

Na enfermagem, o empreendedorismo social se caracteriza por realizar consultas, visitas e consultorias de enfermagem, além de atividades comunitárias como conceder exames gratuitos²⁴.

O empreendedorismo empresarial está relacionado a negócios. Refere-se à atuação autônoma. Há oportunidades de negócios em atividades próprias da enfermagem, como, por exemplo, consultas autônomas a pacientes com feridas. Em contrapartida, também há atividades inovadoras para a área que não estão limitadas ao domínio da enfermagem, como consultoria em empresas que não estejam associadas à área da saúde^{25,26}.

O intraempreendedorismo, também chamado de empreendedorismo corporativo,

começou a ser estudado a partir da década de 90. Diz respeito a empreendedores empregados corporativos. Nessa vertente, o empreendedor propõe soluções criativas e gera inovações em empresas já existentes. Apesar de ter uma nomenclatura própria, o intraempreendedorismo possui analogia com o empreendedorismo comum, pois tem o objetivo de situar o contexto de atuação desse empreendedor^{27,28,22}.

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E CONTEXTUALIZAÇÕES À ENFERMAGEM

A educação empreendedora é um dos campos da educação que mais cresce mundialmente²⁹. Isto é um indicativo da importância do empreendedorismo para a economia de qualquer sociedade. Pesquisas apontam ligações entre o fornecimento da educação empreendedora e o crescimento econômico, a geração de oportunidades de emprego e o aumento do desenvolvimento econômico em geral^{30,31,32,33}.

Além disso, existe um debate entre os acadêmicos e empreendedores a respeito do ensino do empreendedorismo. Alguns entendem o empreendedorismo como um talento com o qual alguém nasce e que não pode ser ensinado. Todavia, isso também pode ser dito a respeito de outras profissões como Medicina e Engenharia, e ninguém contestará a necessidade de ensinar aos estudantes sobre os temas³⁴.

Nos últimos anos, tem crescido o campo de pesquisa em aprendizagem empreendedora, entretanto, alguns estudos argumentam que parte deste interesse é concentrado na oferta de uma educação empreendedora e não em uma demanda que valoriza a maneira como os empreendedores aprendem³⁵. Em virtude de os primeiros cursos de empreendedorismo terem sido ofertados na educação convencional de negócios, muitas pesquisas focaram em explorar os programas já fornecidos. Apenas muito tempo depois, surgiu o interesse em explorar o lado do aluno, na tentativa de compreender como os empreendedores aprendem e adquirem as competências empreendedoras³⁶.

Em 2016, o Instituto Endeavor, em parceria com a SEBRAE, desenvolveu uma pesquisa a fim de caracterizar o empreendedorismo nas universidades brasileiras e o perfil dos estudantes. De acordo com esse estudo, entre os alunos do ensino superior, 5,7% já empreendiam e 21% eram potenciais empreendedores, ou seja, consideravam a possibilidade de empreender futuramente. O estudo também mostra que os potenciais empreendedores possuíam grande probabilidade de se tornarem empreendedores, pois 53,4% afirmaram que algum familiar iniciou um novo negócio e 60,2% já haviam ocupado uma função remunerada ou não em uma empresa de pequeno porte³⁷.

Entretanto, o potencial para empreender não se converte imediatamente em atuação empreendedora, no caso do empreendedorismo empresarial, por exemplo, não se converte em negócios criados³⁸. Assim, aparentemente o empreendedor de negócios é tipicamente

alguém de ação e de execução, que possui características pessoais intrínsecas, mas que também necessita do desenvolvimento de habilidades específicas que tornem as ações e os empreendimentos concretos²².

Ruiz²² afirma que o empreendedor de negócios necessita de um conjunto de habilidades técnicas, gerenciais e pessoais para empreender. Conhecimentos acerca dos produtos/serviços, campo de atuação, clientela, administração, planejamento, coordenação, além de exercer um bom relacionamento interpessoal, conduzem o empreendedor de negócios a resultados satisfatórios. Este rol de conhecimentos será traduzido a cada campo profissional de atuação de forma peculiar, mas uma coisa é fato: a promoção de grande parte destas habilidades ocorrerá por meio da educação empreendedora.

No campo da Enfermagem, alguns estudos apontam a importância de desenvolver competências para empreender^{39,19,40}. E, apesar de o empreendedorismo ser incipiente no campo da formação em Enfermagem, entende-se que o ensino em enfermagem deve estar alinhado com a criatividade e inovação, para atender às novas mudanças e exigências do mercado de trabalho^{41,1,42}.

As competências e habilidades da área da Enfermagem buscam a melhoria na formação profissional do futuro enfermeiro, para que o mesmo esteja capacitado para enfrentar o mercado de trabalho. Sendo assim, as competências e habilidades a serem trabalhadas durante o processo de preparação deste profissional devem enriquecer condutas técnico-científicas, éticas e socioeducativas, para que o enfermeiro atue buscando qualidade em sua assistência prestada, organização, planejamento, gerenciamento e avaliação do processo de trabalho no contexto em que está inserido⁴³.

As Diretrizes Curriculares Nacionais de Enfermagem (DCNs-Enf) perpassam pelo perfil do estudante e do profissional, competências e habilidades, conteúdos curriculares, estágios e atividades complementares, organização do curso e o acompanhamento e avaliação⁴⁴. A Figura 4 pontua os principais elementos abordados no documento:

Perfil profissional	Competências e habilidades gerais	Competências e habilidades específicas
<p>Formação generalista, humanista e crítico-reflexiva</p> <p>Seguir o rigor científico e os principais éticos</p> <p>Conhecer e intervir sobre os problemas envolvendo a saúde de determinada comunidade</p>	<p>Atenção à saúde: desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde</p> <p>Comunicação: profissionais acessíveis, que mantenham a confidencialidade das informações</p> <p>Administração e gerenciamento: além de administrar e gerenciar, estar apto a ser empreendedor, gestor ou empregador</p> <p>Tomada de decisões: avaliar, sistematizar e decidir as condutas mais adequadas</p> <p>Liderança: compromisso, responsabilidade, empatia, etc.</p> <p>Educação permanente: aprender continuamente, tanto na formação quanto na prática</p>	<p>O aluno é sujeito de seu processo de formação</p> <p>Campo de aprendizagem diversificados</p> <p>Articulação entre teoria e prática</p> <p>Metodologias ativas para desenvolver competências e habilidades</p> <p>Articulação entre pesquisa, ensino e extensão</p>

Figura 4: O perfil profissional e as competências e habilidades abordadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais de Enfermagem

Fonte: Elaborado por Thayza Amaral, 2021.

No caso dos profissionais enfermeiros, ao analisarmos o perfil do egresso, as competências gerais e específicas previstas nas DCNs-Enf, como diagnosticar e solucionar problemas de saúde, comunicar-se, tomar decisões, intervir no processo de trabalho, trabalhar em equipe e enfrentar situações em constante mudança⁴⁴, percebe-se que os egressos, a partir de sua publicação, estariam habilitados, em parte, para empreender.

É visto que, desde 2001, o empreendedorismo já era citado, mesmo que nas entrelinhas, como um dos tópicos a ser trabalhado dentro de uma das competências e habilidades gerais propostas nas DCNs-Enf. A competência “administração e gerenciamento” disserta que o profissional de enfermagem deve estar capacitado para ser empreendedor,

gestor, ou líder na equipe de saúde⁴⁴.

Um importante passo dado recentemente pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), que envolve o ensino do empreendedorismo, foi a Resolução CNS nº 573, que aprova o Parecer Técnico nº 28/2018⁴⁵. Essa resolução contém recomendações à proposta de DCNs para os cursos de graduação em Enfermagem, e aborda de maneira explícita o empreendedorismo como um dos temas transversais a ser trabalhado na formação, dentro do âmbito da gestão e gerenciamento.

Essa explicitação do empreendedorismo na formação do enfermeiro tem conduzido as instituições de ensino superior a investir em mudanças de ações e papéis. Sendo assim, os cursos de enfermagem são incentivados, cada vez mais, a investir em novas metodologias, metodologias ativas e problematizadoras. Cabe destacar aqui que este movimento já encontrava-se em curso na formação em enfermagem, em virtude do desejo de induzir a formação de um profissional crítico, reflexivo e humanista, que possibilite vivências na realidade social do enfermeiro⁴⁶, outro ponto que torna a formação do enfermeiro mais permeável à educação empreendedora.

Para isso, é necessário que os discentes estejam envolvidos em ações que estimulem uma postura ativa diante das possibilidades e desafios que a profissão enfrenta. Além disso, o ambiente acadêmico deve encorajar tomadas de decisões, proatividade, postura crítica e ideias inovadoras para a construção de projetos que atendam às necessidades de saúde individuais e coletivas⁴⁷.

Seguindo esta perspectiva de alinhar-se à educação empreendedora, observa-se no Brasil que, paulatinamente, os cursos de graduação têm inserido disciplinas e se aproximado de incubadoras que trabalham com o empreendedorismo. A disciplina optativa “Mercado de trabalho em Enfermagem e novas modalidades de prestação de serviço, do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, pode ser considerada a pioneira no âmbito do ensino do empreendedorismo em enfermagem. A disciplina surgiu em 2007 e busca abordar as possibilidades de mercado de trabalho na saúde e na enfermagem, além de discutir os aspectos legais e organizacionais necessários nestas possibilidades⁴⁸.

Mais recentemente, desde julho de 2020, a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, oferta a disciplina “Inovação e Empreendedorismo em Saúde e Enfermagem”, com carga horária de 30 horas. Esta disciplina tem o objetivo de que o aluno compreenda os conceitos e as abordagens fundamentais relacionados à inovação e ao empreendedorismo, e potencialize o desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes que contribuam na identificação de problemas e soluções inovadoras no âmbito da assistência, gestão e educação em saúde e enfermagem⁴⁹.

Assim, percebe-se que a crescente tendência em abordar o empreendedorismo acompanha cada vez mais expressão a educação em enfermagem, mas que pode estar circunscrita ao momento da formação inicial, a um formato mais tradicional e curricular, que é a oferta por meio de disciplinas, e estar mais localizada no fomento de uma atuação intraempreendedora.

Certamente isso responde a uma necessidade prática e concreta do profissional enfermeiro, que muitas vezes ocupa cargos de gerência e gestão nos mais diversos serviços de saúde, cujas mudanças têm exigido sofisticadas formas de desempenho para atender às demandas organizacionais, tornando fundamental o desenvolvimento de competências para empreender no exercício de cargos gerenciais, e de gestores com uma postura empreendedora^{50,51}. Sendo assim, o ensino do empreendedorismo na formação inicial e o desenvolvimento de competências empreendedoras nos estudantes têm o potencial de fortalecer, a médio e longo prazo, a gestão em enfermagem.

Entretanto, há necessidade de a formação inicial ofertar o vislumbre de outras possibilidades de atuação empreendedora, como o empreendedorismo social e o empresarial. Este último um fenômeno de muita expressão nos últimos três anos, após a regulamentação dos consultórios e clínicas de enfermagem, e também com a regulamentação de algumas especialidades, bem como das organizações de saúde assumirem de modo compartilhado a responsabilidade de educar enfermeiros permanentemente para o empreendedorismo, enquanto cultivam internamente uma cultura de excelência e inovação.

O fomento do empreendedorismo dentro da Enfermagem não está relacionado apenas a estimular a abertura de novos negócios, mas também a conquistar outros espaços de atuação, alcançar maior autonomia profissional e transformar a realidade dos enfermeiros e daqueles que são beneficiados pelos serviços oferecidos.

É necessário que as instituições de ensino diversifiquem o foco de mercado, e que proporcionem o desenvolvimento de competências e habilidades que sejam utilizadas em outros espaços de atuação, como empresas, empreendimentos sociais e atividades intraempreendedoras. Em seu estudo, Andrade, Dal Ben e Sanna⁵² apontam que o movimento de discutir o empreendedorismo no âmbito acadêmico é um meio para formar profissionais diferenciados e evitar o fracasso nos empreendimentos, pois empreender demanda ferramentas psicológicas e comportamentais que podem ser desenvolvidas em estudantes.

A enfermagem atualmente tem a possibilidade de utilizar o empreendedorismo como um instrumento para proporcionar aos profissionais e estudantes um novo modo de recriar a profissão e construir novos caminhos e, através disso, gerar serviços de qualidade e bons rendimentos financeiros. Desta maneira, o fomento da cultura empreendedora carrega

visibilidade para o mercado de trabalho do enfermeiro, contribuindo para o desenvolvimento da atual conjuntura da enfermagem no Brasil⁵³.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após resgatar aspectos históricos, proporcionar aproximações conceituais, apresentar o empreendedorismo aplicado à Enfermagem e discorrer sobre a educação empreendedora, há expectativa de que os leitores, em particular enfermeiros no exercício de cargos de gestão universitária e os que atuem na gestão ou gerência de serviços de enfermagem e saúde, desejem explorar mais o tema com vistas ao desenvolvimento de estratégias de fomento e difusão no âmbito da enfermagem de todas as vertentes.

Este é ainda um campo pouco explorado, em que se faz necessário reconhecer de modo amplo o estado da arte, particularmente, se confrontarmos o perfil do empreendedor brasileiro com o perfil dos enfermeiros brasileiros, os últimos profissionais de nível superior, em que predominam mulheres. Assim, encoraja-se também a socialização de experiências exitosas em meios formais como livros e publicações de caráter acadêmico, bem como em sítios institucionais e redes sociais.

REFERÊNCIAS

1. Copelli FHS, Erdmann AL, Santos JLG, Lanzoni GMM, Andrade SR. Empreendedorismo na gestão universitária pública de enfermagem: entraves e estratégias. *Rev Rene*. 2017;18(5):577-83.
2. Dornelas, José Carlos Assis. *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*. 5. Ed. São Paulo: Elsevier, 2016.
3. Leite, Emanuel. *O fenômeno do empreendedorismo*. São Paulo: Saraiva, 2012.
4. McClelland, D. Testing for Competence Rather Than for Intelligence. *American Psychologist*. January, 1973.
5. Drucker, Peter F. *People and performance: the best of Peter F. Drucker on management*. New York: Harper & How, p. 18-430, 1997.
6. Bruyat, Christian; Julien, Pierre-André. Defining the field of research in entrepreneurship. *Journal of Business Venturing*. Elsevier Science Inc. 16, p. 165-180, 2010.
7. Villarinho, Paula Rocha Louzada. *Características e Habilidades dos enfermeiros empreendedores adquiridas por meio do aprendizado na formação e na prática profissional*. Rio de Janeiro. Dissertação [Mestrado em Enfermagem] – Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2016.
8. Melo, Natália Máximo e. *Sebrae e Empreendedorismo: origem e desenvolvimento*. São Paulo. Dissertação [Mestrado em Ciências Sociais]. Universidade Federal de São Carlos; 2008.

9. Dornelas, José Carlos Assis. Empreendedorismo: transformando ideias em negócios. 4. Ed. Rev. e Atual. São Paulo: Elsevier, 2005.
10. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Quem somos. Disponível em: https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/canais_adicionais/conheca_quemsomos. Acesso em: 03 fev 2021.
11. Brasil Empreendedor. Disponível em: <https://www.programabrasilempreendedor.com.br>. Acesso em: 03 fev 2021.
12. Naretto N, Botelho M dos R, Mendonça M. A trajetória das políticas públicas para pequenas e médias empresas no Brasil: do apoio individual ao apoio a empresas articuladas em arranjos produtivos locais. PPP [Internet]. 5º de julho de 2022 [citado 16 de abril de 2021];(27). Disponível em: [//www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/51](http://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/51)
13. Global Entrepreneurship Monitor (GEM). Empreendedorismo no Brasil: Relatório Executivo 2019. Curitiba: IBQP, 2019. Disponível em: <https://ibqp.org.br/PDF%20GEM/Relatório%20Executivo%20Empreendedorismo%20no%20Brasil%202019.pdf>. Acesso em 10 abr 2021.
14. Riva, ED. Innovación: el último clavo ardiendo. Santiago de Compostela: Tórculo Edicións, S.L. 2006.
15. Bessant, John; Tidd, Joe. Inovação e empreendedorismo [recurso eletrônico]. John Bessant, Joe Tidd; tradução: Francisco Araújo da Costa. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2019.
16. Carneiro, Victor Sá. O Empreendedorismo e a Inovação na Saúde, factores potenciadores de novos projetos. Porto. Dissertação [Mestrado em Gestão]. Universidade Lusófona do Porto; 2012.
17. Copelli, Fernanda Hannah da Silva, Erdmann, Alacoque Lorenzini e Santos, José Luís Guedes dos. Entrepreneurship in Nursing: an integrative literature review. Revista Brasileira de Enfermagem [online]. 2019;72(1):289-298. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0523>.
18. Backes, Dirce Stein, Erdmann, Alacoque Lorenzini e Büscher, Andreas. O cuidado de enfermagem como prática empreendedora: oportunidades e possibilidades. Acta Paulista de Enfermagem [online]. 2010, v. 23, n. 3 [Acessado 21 Abril 2021], pp. 341-347. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002010000300005>. Epub 29 Jul 2010. ISSN 1982-0194. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002010000300005>.
19. Colichi, Rosana Maria Barreto et al. Entrepreneurship and Nursing: integrative review. Revista Brasileira de Enfermagem [online]. 2019;72(1):321-330. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0498>.
20. Wilson A, Whitaker N, Whitford D. Rising to the challenge of health care reform with entrepreneurial and intrapreneurial nursing initiatives. Online J Issues Nurs. 2012 May 31;17(2):5. doi: <https://doi.org/10.3912/OJIN.Vol17No02Man05>
21. Backes, Dirce Stein et al. Nursing students in the community: entrepreneurial strategy and proponent of changes. Revista Brasileira de Enfermagem [online]. 2018;71(4):1799-1804. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0382>.
22. Ruiz, Fernando Martinson. Empreendedorismo. São Paulo: Editora Senac, 2019.

23. Nassif VMJ, Prando RA, Consentino HM. Ações estatais assistencialistas e empreendedorismo social sustentável no Brasil: um estudo exploratório. *Gestão & Planejamento*. 2010; 11(2): 316-366.
24. Kirkman A, Wilkinson J, Scahill S. Thinking about health care differently: nurse practitioners in primary health care as social entrepreneurs. *J Prim Health Care*. 2018 Dec;10(4):331-337. doi: 10.1071/HC18053.
25. Wall S. Nursing entrepreneurship: motivators, strategies and possibilities for professional advancement and health system change. *Nurs Leadersh (Tor Ont)*. 2013;26(2):29-40. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23809640>
26. Wall, S. Self-employed nurses as change agents in healthcare: strategies, consequences, and possibilities. *J Health Organ Manag*. 2014;28(4):511-31. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25241597>
27. Sundin E, Tillmar M. A nurse and a civil servant changing institutions: entrepreneurial processes in different public sector organizations. *Scand J Manag*. 2008;24(2):113–24. Available from: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0956522108000298>
28. Dawes D. How nurses can use social enterprise to improve services in health care. *Nurs Times* [Internet]. 2009 [cited 2021 abr 16];105(1):22-5. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19330985>
29. Morris MH, Liguori E. *Annals of Entrepreneurship Education and Pedagogy*. Elgar online, 2016. <https://doi.org/10.4337/9781784719166>.
30. Dzisi, S. Entrepreneurial activities of indigenous African women: a case of Ghana. *Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy*. 2008;2(3):254-264. <https://doi.org/10.1108/17506200810897231>
31. Ligthelm, A. Survival Analysis of Small Informal Businesses in South Africa, 2007–2010. *Eurasian Bus Rev* 1. 2011:160–179. <https://doi.org/10.14208/BF03353804>
32. Mojica M, Gebremedhin T, Schaeffer P. A county-level assessment of entrepreneurship and economic development in appalachia using simultaneous equations. *Journal of Developmental Entrepreneurship (JDE)*. 2010;15:3-18. <https://doi.org/10.1142/S1084946710001452>
33. Pacheco D, Dean T, Payne D. Escaping the Green Prison: Entrepreneurship and the Creation of Opportunities for Sustainable Development. *Journal of Business Venturing*. 2010; 25:464-480. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2009.07.006>.
34. Fayolle, A. and Gailly, B. The Impact of Entrepreneurship Education on Entrepreneurial Attitudes and Intention: Hysteresis and Persistence. *Journal of Small Business Management*. 2015;53:75-93. <https://doi.org/10.1111/jsbm.12065>
35. Pittaway L, Thorpe R. A framework for entrepreneurial learning: A tribute to Jason Cope. *Entrepreneurship and Regional Development*. 2012;24:837-859. <https://doi.org/10.1080/08985626.2012.694268>

36. Sirelkhatim F, Gangi Y. Entrepreneurship education: A systematic literature review of curricula contents and teaching methods. *Cogent Business & Management*. 2015;2. 1052034. 10.1080/23311975.2015.1052034.
37. Endeavor Brasil, Sebrae. Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras 2016. Porto Alegre: Endeavor Brasil; Sebrae, 2016. Disponível em: <https://cer.sebrae.com.br/wp-content/uploads/2015/12/Pesquisa-Endeavor.pdf>
38. Bresnitz S, Zhang Q. Fostering the growth of student start-ups from university accelerators: an entrepreneurial ecosystem perspective. *Industrial and Corporate Change*. 2019;28(4): 855-873.
39. Parreira P, Pereira F, Arreguy-Sena C, Salgueiro A, Gomes A, Marques S, Melo R, Oliveira D, Fonseca C, Carvalho C, Mónico L. Representações sociais do empreendedorismo: o papel da formação na aquisição de competências empreendedoras. *Riase - Revista Ibero-Americana De Saúde E Envelhecimento*. 2015;1(3):266-285. [https://doi.org/10.24902/r.riase.2015.1\(3\).266](https://doi.org/10.24902/r.riase.2015.1(3).266).
40. Fernandes, Roberto Barbosa et al. Tendência empreendedora e comunicação interpessoal de estudantes de Enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP [online]*. 2020;54. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2018056603615>
41. Jahani. S, Babazadeh M, Haghghi S, Cheraghian B. The effect of entrepreneurship education on self-efficacy beliefs and entrepreneurial intention of nurses. *J Clin Diagn Res*. 2018;12(6):18-21.
42. Paulino VCP, Silva LA, Prado MA, Barbosa MA, Porto CC. Formação e saberes para a docência nos cursos de Graduação em Enfermagem. *J Health NPEPS [Internet]*. 2017;2(1):272-84.
43. Vale, Eucléa Gomes; Guedes, Maria Vilani Cavalcante. Competências e habilidades no ensino de administração em enfermagem à luz das diretrizes curriculares nacionais. *Rev. bras. enferm*. 2004;57(4):475-478. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000400018&lng=en&nrm=iso. Acesso em 23 Feb 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672004000400018>.
44. Brasil. Ministério da Educação. Resolução CNE/CES nº 3, de 07/11/2011. Institui Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em enfermagem. *Diário Oficial da união* 09 nov 2001; Seção 1.
45. Brasil. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Publicada a Resolução CNS n. 573 que aprova o Parecer Técnico nº 28/2018 contendo recomendações do Conselho Nacional de Saúde (CNS) à proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de graduação Bacharelado em Enfermagem. Disponível em: <https://www.conass.org.br/conass-informa-n-210-publicada-resolucao-cns-n-573-que-aprova-o-parecer-tecnico-no-28-2018-contendo-recomendacoes-do-conselho-nacional-de-saude-cns-proposta-de-diretrizes-curriculare/>. Acesso em: 27 jan 2021.
46. Costa LB, Costa AAS, Saraiva MRB, Barroso MGT. Aplicação de estruturas conceituais na consulta de enfermagem à família. *Esc Anna Nery*. 2007; 11 (3): 515-19.
47. Backes DS, Grando, MK, Gracioli MAS, Pereira AD, Colomé JS, Gehlen MH. Vivência inovadora no ensino de enfermagem. *Esc Anna Nery*. 2012;16(3):597-602.
48. Backes DS, Erdmann AL. Formação do enfermeiro pelo olhar do empreendedorismo social. *Rev Gaúcha Enferm*. 2009;30(2):242-248.

49. Universidade de São Paulo. Disciplina ERG0111: Inovação e Empreendedorismo em Saúde e Enfermagem. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sglDis=ERG0111&codcur=22100&codhab=4>. Acesso em: 10 fev 2021.
50. Aragão OC, Teófilo JKS, Mourão Netto JJ, Soares JSA, Goyanna NF, Cavalcante AES. Competências Do Enfermeiro Na Gestão Hospitalar. *Espac. Saude [Internet]*. 29º De Dezembro De 2016 [Citado 7º De Novembro De 2022];17(2):66-74. Disponível Em: <https://Espacoparasaude.Fpp.Edu.Br/Index.Php/Espacosauade/Article/View/286>
51. Lourenço DCA, Benito GAV. Competências gerenciais na formação do Enfermeiro. *Rev Bras Enferm [internet]*. 2010 [citado 07 nov 2022];63(1):91-7. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v63n1/v63n1a15.pdf>. Acesso em 22 fev 2021.
52. Andrade AC, Dal Bem LW, Sanna MC. Empreendedorismo na Enfermagem: panorama das empresas no Estado de São Paulo. *Rev. Bras. Enferm.* 2015;68(1):40-44. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2015680106p>.
53. Parreira, Pedro Miguel Santos Dinis, Carvalho, Carla Maria Santos de, Mónico, Lisete dos Santos, & Santos, Ana Sofia Marques de Oliveira Pereira. Empreendedorismo no ensino superior: estudo psicométrico da escala oportunidades e recursos para empreender. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*. 2017;17(4):269-278. <https://dx.doi.org/10.17652/rpot/2017.4.13736>